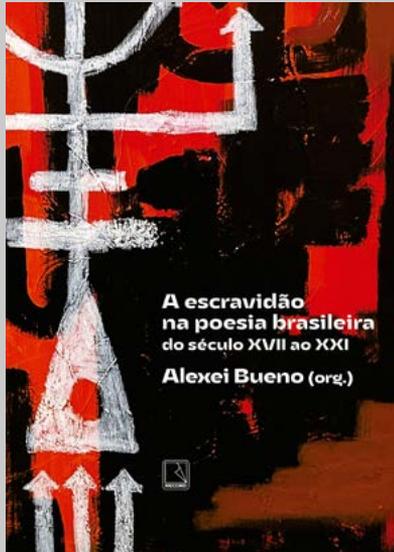




ESTUDOS  
UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

60  
anos



A escravidão na poesia brasileira: do século XVII ao XXI. Editora Record, Rio de Janeiro, 2022.

## Resenha

Texto de autor convidado. Recebido em: 14 fev. 2023. Aprovado em: 15 jun. 2023.

RIOS, Peron Pereira Machado Santos. Alforria pelo verso. [Resenha]. *Estudos Universitários*: revista de cultura, UFPE/Proexc, Recife, v. 40, n. 1, p. 214-232, jan./jul. 2023.

<https://doi.org/10.51359/2675-7354.2023.258909>

ISSN Edição Digital: 2675-7354



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição 4.0 Internacional.

## ALFORRIA PELO VERSO

Manumission by the verse

### Peron Pereira Santos Machado Rios

Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Mestre em Letras

E-mail: peronrios@yahoo.com.br

 <https://orcid.org/0000-0002-7883-3841>

 <http://lattes.cnpq.br/3125908909460996>

### Resumo

Nesta resenha, Peron Rios apresenta a coletânea *A Escravidão na Poesia Brasileira: do século XVII ao século XXI* (Editora Record, 2022), organizada pelo poeta e crítico literário Alexei Bueno. A antologia retrata a escravidão negra na poesia brasileira e evidencia, por meio do valor estético e histórico dos poemas selecionados, as marcas deixadas por esta instituição na produção artística do Brasil. O volume não objetiva ser um livro de história, mas um livro de poesias, que se ligam, de maneira intrínseca, ao período histórico, visto que nascem dentro, e a partir, dele. Sendo assim, Rios, ao longo de sua resenha, enfatiza a riqueza da coletânea e retrata as características e as singularidades dos versos apresentados na obra organizada por Bueno, permitindo ao leitor observar a história por um olhar próprio da poesia.

**Palavras-chave:** Escravidão. Poesia brasileira. Crítica literária.

### Abstract

In this review, Peron Rios presents the collectanea *A Escravidão na Poesia Brasileira: do século XVII ao século XXI* (Editora Record, 2022), organized by the poet and literary critic Alexei Bueno. The anthology depicts black slavery in Brazilian poetry and shows, through the aesthetic and histori-

cal value of the selected poems, the marks this institution left in Brazil's artistic production. The volume is not intended to be a history book, but a poetry one, presenting poems that are intrinsically linked to the historical period in which they were born and from which they stem. On that account, Rios, throughout his review, emphasizes the richness of the collection and portrays the characteristics and singularities of the verses presented in the book organized by Bueno, allowing the reader to observe history through poetry's specific lens.

**Keywords:** Slavery. Brazilian poetry. Literary criticism.

Há temas que, dado o seu relevo e sua impregnação no imaginário coletivo, mostram-se tão incontornáveis quanto de difícil abordagem. Elencar, nos inevitáveis limites de um livro, poemas cujo tema os multiplicou às centenas, exige uma capacidade de tomadas panorâmicas e mergulhos incisivos. É necessário dispor de ampla erudição para manejar o que se produziu a respeito de temática tão irrestrita. Além disso, a tarefa pede um discernimento que mantenha o sentido etimológico de *antologia*, eliminando o matalgal excedente para que as flores apareçam. Ambas as qualidades se encontram notavelmente no poeta e crítico literário Alexei Bueno, bastando, para isso, apreciarmos a sua indispensável *Uma História da Poesia Brasileira*, a *Antologia da Poesia Portuguesa Contemporânea: um panorama* (organizada em parceria com Alberto da Costa e Silva) ou, ainda, a sua *Antologia Pornográfica*.

Com esse aparato intelectual, Bueno organiza e entrega, em 2022, sob o selo da editora Record, a coletânea *A Escravidão na Poesia Brasileira: do século XVII ao século XXI (EPB)*. O volume se compõe, como o arco temporal já nos faria supor, de uma grande quantidade de poetas e dicções agregados na interseção do assunto estampado no título do livro. Empreitadas com esse perfil enfrentam, quase sempre – e Alexei diz, em seu estudo prévio, que

experimentou o impasse –, as dificuldades de obter permissão de publicação junto aos detentores de direitos autorais, no caso das obras que ainda não entraram em domínio público. Assim, algumas eventuais omissões que o leitor venha a reclamar talvez se devam à semelhante contingência.

Embora haja, na edição, um importante estudo a respeito de todo o material coligido, o organizador informa que não o desenvolveu como o fascínio permitiria, já que o acesso aos próprios textos deve anteceder a glosa. Uma tal decisão ratifica a nossa impressão de crítica fina no poeta de *O Sono dos Humildes*. Eis suas palavras:

A presente introdução ensaística poderia, evidentemente, se estender por espaço muito maior do que o que finalmente ocupa, mas tal estudo mais minucioso, dos mais atraentes, restringiria a fundo a parte antológica, à qual preferimos dar uma clara primazia, como documentário coligido para a fruição e análise dos leitores (BUENO, 2022, p. 26).

O estudo introdutório expõe as microtemáticas embutidas no tema amplo que intitula o livro, dentre as quais se destaca, “por motivo facilmente compreensível” (BUENO, 2022, p. 35), a dos maus-tratos físicos, também estando presentes, dentre outros, o exílio compulsório, a travessia atlântica, a desonra feminina, as fugas e as figuras míticas emergentes daquela circunstância infame. O procedimento metodológico utilizado contribui para se mapear (e seguir) a ordem das filigranas necessariamente entrelaçadas em tão vasto e complexo assunto. Alexei, cômico do painel extenso que exhibe – e do conseqüente risco de textos de maior impacto serem, em alguma medida, nublados pelo excesso de paisagem –, não hesita em sublinhar, com desassombro, por uma régua histórica ou artística, os poemas que merecem maior atenção por parte do

leitor. É comum se ler, portanto, na introdução, passagens como: “Um dos momentos mais marcantes sobre o tema [exploração dos velhos] se encontra, no entanto, no poemeto ‘História de um escravo’, escrito por Xavier da Silveira Júnior, em 1886, quando o senhor, preocupado em perder um escravo jovem que matara o seu feitor [...]” (BUENO, 2022, p. 49), em que se destaca o relevo histórico do texto; ou, num claro realce estético, divisa-se, num trecho relativo ao tema, “Palmares, Zumbi e outras figuras míticas”:

Esteticamente, no entanto, nenhum poema ao menos se aproxima da “Saudação a Palmares”, de Castro Alves, obra-prima daquele verbo épico sem paralelo entre nós, editado em livro, postumamente, em *Os escravos*, o que a citação de algumas estrofes comprova categoricamente (BUENO, 2022, p. 54).

**O valor poético, portanto, revelou-se uma pedra fundamental na coletânea organizada por Alexei, como ele adverte já na introdução:**

A escravidão, prática universal e milenar, de todos os povos e épocas, nunca se limitou à escravidão negra, como o comprova a quase invisível escravidão indígena — e também a escravidão entre os índios de tribos diversas — que existiu entre nós. Esta, no entanto, como analisaremos mais adiante, deixou rastros ínfimos na nossa poesia, enquanto a outra deu origem a um material que, *provavelmente caindo muito no nível estético*, exigiria vários volumes da extensão deste para ser recolhido em algo perto da sua totalidade (BUENO, 2022, p. 20, grifo nosso).

Sem descurar do impacto histórico promovido pelos textos, o organizador recusa, na pesquisa histórica, o critério antiquário da simples enumeração, a que se referia Nietzsche. Bueno enfatiza que o livro é de natureza poética – advertência que, provavelmente,

deve-se ao vínculo quase imediato que se estabelece entre o tema e a tarefa da historiografia:

O presente livro não se pretende — e quanto a isso não deve restar dúvidas — um livro de história, mas um livro de poesia, uma poesia inextricavelmente ligada a ela e dentro dela nascida, como, aliás, ao fim e ao cabo, a de todos os tempos (BUENO, 2022, p. 23).

Depois de percorrer essa trilha diacrônica viabilizada pelo tema da escravidão, o leitor terá em mãos, de modo suplementar, bibliografias bem elaboradas, sendo algumas – como as de Augusto dos Anjos e Cecília Meireles – de uma tal densidade informativa que chegam a margear um programa monográfico.

### *IMPASSES E TOPOI*

Propostas dessa natureza oferecem uma possibilidade notável de se extrair um espírito de época. Na leitura minuciosa dos poemas, pode-se identificar o que é dicção corrente, quais são as imagens poéticas em circulação, o que é redundância e aquilo que, efetivamente, emerge como autoria e acréscimo. Um crítico literário, um professor e um historiador da literatura se beneficiam consideravelmente de uma recolha temática dessa envergadura: são oitenta e um poetas, com boa representatividade de tempo, espaço, gênero e etnia, dispostos em quinhentas páginas, aproximadamente.

Por outro lado, enquanto material de fruição e estímulo de uma educação literária inicial, a leitura do volume em sua integralidade pode gerar um distanciamento, uma inapetência pela própria poesia – uma vez que, mesmo com todo o rigor de seleção que Alexei Bueno dedicou, é inevitável que se manifeste (como ocorre

em todo panorama de qualquer recorte histórico) uma plethora de clichês, um desgaste discursivo em escala ampla. De fato, o preço a se pagar por um projeto de poesia temática é, muitas vezes, o adjetivo dissolver o substantivo. Poetas como Antônio Santos Neves, com uma escrita de vazia eloquência e entusiasmo circunstancial, trazem o impasse ao fulgor da evidência.

Com o distanciamento cronológico, pode-se flagrar as ideias que, explícita ou dissimuladamente, ecoavam na poesia de então; e os artifícios de linguagem utilizados para fazê-las pulsar. Num poema quixotesca intitulado *À negra Margarida, que acariciava um mulato chamando-lhe senhor com demasiada permissão dele*, por exemplo, Gregório de Matos acusa a suposta justiça da exclusão, ancorada numa argumentação bíblica e em premissas pretensamente sofisticadas, mas que não são mais do que reprodução dos preconceitos correntes e, naturalmente, sem o relevo da inteligência. É o que podemos notar no fragmento que segue:

A nenhum cão chamais tal,  
Senhor ao cão? isso não:  
que o Senhor é perfeição,  
e o cão é perro neutral:  
do dilúvio universal  
a esta parte, que é  
desde o tempo de Noé,  
gerou Cão filho maldito  
negros de Guiné, e Egito,  
que os brancos gerou Jafé.

(MATOS, 1999 *apud* BUENO, 2022, p. 83).

Frei Manuel de Santa Maria Itaparica, por sua vez, dá-nos a ver o quanto a poesia de seu tempo (século XVIII) reproduz representa-

ções mitológicas, segundo as quais a pele negra é perda de medida, significando opróbrio e retaliação divina:

XXXVI

Assim dispostos uns, que África cria,  
Dos membros nus, o couro denegrado,  
Os quais queimou Faeton, quando descia  
Do terrífico raio submergido [...]  
(ITAPARICA, 2011 *apud* BUENO, 2022, p. 89).

Os poemas escolhidos constituem um relevante registro socio-lógico, desvelando costumes dessa dramática memória nacional. Numa escrita anódina, em prosa versificada, Tomás Antônio Gonzaga, na 3ª carta de suas *Cartas Chilenas*, traz ao leitor de hoje um retrato documental do código penal, com especial atenção ao azorrague daquele regime escravocrata. Ao lê-lo, inferimos: um dito lapso na matemática (erro de contagem das cipoadas infligidas a um cativo) é pretexto para a soma sádica, na subtração da pele escrava que o relho leva. E daí escorre o “sangue, que em defesa do trono se derrama” (GONZAGA, 1863 *apud* BUENO 2022, p. 93). Triste antítese, portanto: os pés imobilizados pelo sofrimento, como se sabe, é que faziam andar a economia de então.

Vemos o quanto, ali, os corpos dos escravos limitam-se ao monopólio do trabalho, sem disponibilidade para qualquer usufruto estético – o que lhes furta larga fatia de humanidade. Em semelhante regime restritivo, o tempo da contemplação vira motivo de cobiça: “eu tenho inveja/Da branca, porque tem todas as horas/Do dia todo inteiro!”, escreveu Sousândrade em seu *A escrava*. Sendo um poeta que destoa em talentos de boa parte dos autores de seu tempo, ele faz, nesse mesmo texto, boa associação entre o alvor flagrado na

paisagem (estrelas, luar) – em geral, vinculado à liberdade ampla – e a palidez da pele daqueles seus algozes que oprimem o eu-lírico:

A ver as estrelinhas nos meus olhos  
Como no manso rio,  
Eu não tenho segura! o vento leve,  
A lua como eu sou d'alvas camisas,  
Fazem-me estremecer; eu vejo em tudo  
Meus soberbos senhores.

(SOUSÂNDRADE, 1857 *apud* BUENO, 2022, p. 137-138).

Num estribilho permeado por contraste, a voz poética aspira à disponibilidade das horas para, no anseio de consolidar sua humanidade, vislumbrar o que a supera e supostamente a constitui. O epílogo desse poema narrativo é memorável, congregando no mesmo fim as três personagens que o compõem. Os irmãos perdem, simultaneamente, a luz, ao passo que o sol também se põe a sinalizar o obscurantismo que elabora a cena trágica. Por tais razões é que Juvenal Galeno (1892 *apud* BUENO, 2022, p. 180), em sua poesia, sinaliza que a condição de escravo e a de homem se eliminam mutuamente: “Que neste inferno em que vivo/ Homem, não!... escravo sou!”. Sem maior valor poético ou dramático, o *Ingênuos* de Melo Morais Filho documenta as minudências das relações socioeconômicas no processo paulatino de eliminação do modelo escravocrata no Brasil. Outros poemas vão nos mostrar o quanto a Abolição gerou um largo sopro de otimismo, fazendo muitos apostarem no advento da efetiva liberdade. Vendo-se os desdobramentos sociais atuais de uma abolição estabelecida apenas pela caneta e pela burocracia, o tríptico final de um poema como *A Abolição*, de Paula Nei, não escapa a um riso lateral por parte do leitor.

Aliás, um procedimento longe de ser raro é o poeta – como se vê em Trajano Galvão, com seu *O Calhambola* – que, pelas vias da imaginação robusta, encarna o indivíduo escravizado e, a partir dessa alteridade radical (pois em tudo a subjetividade do autor diverge da de seu personagem), entrega ao leitor um pouco das adversidades por que passaram os cativos. Note-se que o dito “lugar de fala” não faria o menor sentido nessas situações-limite: evidentemente, os escravizados jamais teriam a possibilidade de veicular sua palavra, muito menos alcançando uma recepção que a circunstância exige. Narcisa Amália (1972 *apud* BUENO, 2022) não nos diz coisa diversa em *O africano e o poeta*: para ela, o escritor é audiência e mensageiro, núncio que entrega a voz legitimada aos cativos deportados, que, em outros tempos, estavam livres em seus campos vastos. O mesmo Trajano Galvão nos entrega, ainda, *A crioula*, um excelente poema narrativo com performances dramáticas em diálogos bem temperados. O teor erótico do texto, plasmado nas belezas da escrava, pincela uma amostra das relações sociais, de sua moral de verniz, e esboça alguma inquisição metafísica nos versos finais.

Por numerosas vezes, os poemas expõem uma marca da cultura brasileira tão denunciada por nossos sociólogos: o personalismo. Versos de Bernardo Guimarães (1959 *apud* BUENO, 2022, p. 105) apontam o fim oficial da escravidão não como um processo histórico ambíguo, mas enquanto desígnio heroico de um estadista: “Graças ao sábio Monarca, /Da nação chefe eminente, /Não há mais do escravo a marca /No Brasil independente”. O poeta Afonso Celso, ao converter, em *A Fazenda*, a princesa Isabel em heroína repleta de nobreza, dá sequência à ideia corrente de uma *histoire événementielle*, construída pela vontade excepcional dos indivíduos, em detrimento da estrutura regular das forças em conjunto. Nesse culto

das personalidades, Luís Murat expõe, em *Réquiem e Apoteose*, as figuras marcantes do processo histórico abolicionista, o que inevitavelmente nos remete, inclusive pela dicção, ao epílogo de *O Navio Negreiro*, de Castro Alves.

A coletânea mostra bem a poesia grandiloquente típica do Romantismo, com seus períodos longos, estrofes volumosas e versos exclamativos. Em contraste com a brevidade moderna, nossos poemas românticos se desenvolvem, frequentemente, em seções extensas. Mais: o verso descritivo aparece como forma corrente na estética oitocentista, na qual se circunscreve parte substantiva da poesia relativa à escravidão. Esse perfil linguístico, para se verter em documento histórico, exige uma filtragem a partir da qual os idealismos se detenham na peneira. Luís Gama, com *A cativa*, ilustra bem o expediente.

Dois outras tópicas da poesia da escravidão podem ser localizadas na seleta: o verso em medida velha e, mais do que previsível, o tema confessional da felicidade jamais vivida. A narrativa em verso se apresenta como outro artifício poético, vislumbrado, por exemplo, em *Mauro, o escravo*, de Fagundes Varela – uma história de peripécia e vendeta, verdadeiro conto escrito em verso. A exacerbação sentimental de Varela revela-se numa construção gótica, envolvida em tons sombrios, mergulhada no imaginário macabro que se multiplicava no período.

Outro aspecto que não escapa à atenção, na miscelânea, é a pintura de quadros na intenção de se evocar o “banzo”, lançando-se raízes em certo imaginário *figé*, numa série de paisagens do que se convencionou caracterizar como africano. Não é outra coisa o que faz Gonçalves Dias, no poema narrativo *A escrava*, em que, por meio de quadras heptassilábicas, conta-se a história de um amor assombrado pelo exílio:

Oh! doce país de Congo,  
Doces terras d'além-mar!  
Oh! dias de sol formoso!  
Oh! noites d'almo luar!

Desertos de branca areia  
De vasta, imensa extensão,  
Onde livre corre a mente,  
Livre bate o coração!

Onde a leda caravana  
Rasga o caminho passando,  
Onde bem longe se escuta  
As vozes que vão cantando!

Onde longe inda se avista  
O turbante muçulmano,  
O iatagã recurvado,  
Preso à cinta do Africano!  
(DIAS, 1998 *apud* BUENO, 2022, p. 97-98).

Dando sequência à demonstração das lacunas formais que se detectam em muitos textos, leia-se o seguinte fragmento de *Protesto*, de Carlos de Assumpção:

[...] E nos pomos a conversar  
Sobre coisas amargas  
Sobre grilhões e correntes  
Que no passado eram visíveis

Sobre grilhões e correntes  
Que no presente são invisíveis  
Invisíveis mas existentes [...]  
(ASSUMPÇÃO, 2015 *apud* BUENO, 2022, p. 513).

No verso “Que no passado eram visíveis”, já se tinha, com a eficácia do não dito, veiculado o sentido de que as amarras se perpetuam de modo sutil. Embora elaborando uma visão lúcida, notando a liberdade se instaurando mais no campo formal do que no material, Assumpção ilustra com vigor o impasse de uma poesia de combate: a necessidade de uma certeza na transmissão da mensagem suspende a obliquidade com a qual o procedimento poético revigora as formas e intensifica os sentidos do texto – e, no limite, da própria língua.

## VALOR E AUTORIA

Algumas realizações, porém, devem ser sublinhadas naquilo que têm de notável e que darão entusiasmo ao leitor. Será possível se surpreender com um Lúcio de Mendonça, em *A Besta Morta*, produzindo imagens propositivas como a do corpo cativo servindo de elo entre o que se vislumbra de elevado (a prece religiosa) e os elementos repugnantes e inferiores – no poema, a mosca varejeira. O leitor da antologia organizada por Alexei Bueno ainda pode deparar-se com poetas que guardam a concepção de que a poesia, para usar o título do livro de Ana Martins Marques, é um livro das semelhanças. Por exemplo: na penúltima estrofe de *Na Fazenda*, Afonso Celso (1902 *apud* BUENO, 2022, p. 364) estabelece uma comparação relativamente insólita, sendo a estância inteira de grande massa metafórica: “E o disco da lua nova/ No lar azul das esferas, / De nuvens que lembram feras, / Como um réptil sai da cova”.

Uma peça literária como *Sonho Africano*, de Francisca Júlia, também escapa a uma medição puramente epocal: ali se faz a apresentação viva e lamentável do personagem, proporcionando

o deslinde da beleza impassível da natureza (o sol tranquilo, os cânticos do rio) frente àquele espetáculo de horror terreno. No texto de Júlia, binômios promovem equivalências tão cruéis quanto inesperadas (“vivem negros reptis e enormes elefantes”) – tudo preparando o verso derradeiro e inusitado, com sua imagem perturbadora de crocodilos coalhados na superfície das águas.

Em seu poema *Velha Mangueira*, Olegário Mariano, por seu turno, desnuda-se da eloquência estéril que percorre os escritos de semelhante temática. A mangueira é tomada como símbolo de uma abnegação superior e generosa, árvore que oferece bens ao chão que a aprisiona. Um dos emblemas mais negativamente marcantes da escravidão – o chicote – aqui reaparece na figura inopinada do vento a retorcer os galhos – como os vergalhos literais faziam nos corpos humanos.

O talento poético de Castro Alves, como já se poderia esperar, destaca-se no poder de converter ideias em imagens, de fazer da frase um evento plástico. Em *Ao romper d'alva*, as estrelas enviam o brilho de pérolas de desfeitos colares enquanto a espuma do rio iguala os alvos pelos de uma barba. E o *topos* de uma época faz-se nítido quando o nome sobressalente de uma geração o imprime nos seus versos. Com efeito, inúmeros poetas, e o já citado Melo Morais Filho foi um deles (*Nos Limbos*), expressaram a suposta imutabilidade da escravidão num mundo em que as maiores misé-rias também se evaporam. Tratava-se, na verdade, de um lugar-comum delinear um deus insensível aos clamores dos negros em penitência aguda. A célebre abertura do poema *Vozes d'África* torna o expediente memorável, evidente: “Deus, ó Deus, onde estás, que não respondes? /Em que mundo, em qu'estrela tu te escondes/ Embuçado nos céus?” (ALVES, 1997 *apud* BUENO, 2022, p. 315). Por

seu turno, Bittencourt Sampaio rompe um padrão emocional em *A mucama*, apresentando a senhora não como rival, porém amiga da escrava. Em oposição, o eu-lírico revela estranhamente o desejo de alforria dando vez ao gosto da servidão perene. Ali, o calor de um amor carnal evapora choro e nostalgia.

Um outro aspecto valioso na coletânea é o registro de um Machado de Assis que, enquanto poeta, dedica-se igualmente aos assuntos da escravidão. Machado revela, na poesia, seu talento de narrador, deslindando um trajeto de fatos ficcionais e – o que será a marca do autor maduro – sua capacidade de manejar a tradição literária, revitalizando-a em citações orgânicas. Seu texto mostra, de modo irrefutável, o quanto o discurso a respeito do suposto absentismo machadiano acusa, antes, a incapacidade de certa recepção em notar a atuação do autor de *Dom Casmurro* em numerosas questões de seu próprio tempo.

Em Orestes Barbosa (*Café*) e Ciro Costa (*Pai João*), a imagem dos grãos vermelhos é bem aproveitada, em analogia com o sangue que de um corpo negro se extrai. O recurso reaviva a experiência exploratória da poesia, com o poder de positivamente constranger a quem, nos dias correntes, vislumbrar a cor e a forma dos grãos de café. A literatura, portanto, cumpre seu papel de descongelar a percepção, devolvendo-lhe, num fluxo vital, a possibilidade de renovar o entendimento. E justamente por cumprir essa função em sua linguagem, Augusto dos Anjos comparece na seleta (*Ricordanza della mia gioventù*), abordando o tema apenas de modo tangencial. Augusto, no tom memorialista e confessional que caracteriza a sua escrita, traz a presença explícita do dinheiro – e aqui em contraposição ao valor do afeto humano –, um dos elementos mais marcantes da produção literária do final do século XIX.

## A MUSA MODERNISTA

Importa sublinhar que parte relevante do cânone moderno dedicou poemas ao argumento que nomeia o livro: aí figuram Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e, lateralmente, Gilberto Freyre (não se trata exatamente de um cânone poético, mas não se precisa destacar sua relevância no que concerne à temática). Outros autores da nossa modernidade, porém, proveram o assunto com um sopro retórico renovado.

Oswald de Andrade, num poema de título no mínimo sintomático (*A transação*), demonstra, no tratamento do assunto, sarcasmo e clarividência decorrentes, em medida razoável, do distanciamento cronológico em relação à escravidão. O poeta lê a Abolição sem euforia, mas com a lente crítica de quem nota ali não uma magnanimidade heroica de uns poucos governantes, e sim um interesse econômico de outra ordem, estrutural e mais rentável. O jogo figural das obras que integram o modernismo tem uma paleta variada, multiforme. Conforme se constata em Jorge de Lima (*Pai João*), as metáforas passam a se perfazer menos de analogias etéreas ou transcendentais e se elaboram com base em matéria corriqueira e pertinente ao próprio universo dos cativos.

Já Guilherme de Almeida, no verso elástico de *Santa Cruz*, ecoa Walt Whitman em timbre “absolutamente moderno” (como pedia Rimbaud), embora, como se sabe, Almeida fosse de formação parnasiana. O ritmo do texto evoca batuques – que o poema referencia –, ressoando em rimas não raro internas e sempre de baixa catalogação (“fugiram ao bodum das senzalas e, zonzos e fulos, meteram-se em fundos mocambos, escuros quilombos,/ e foram achados por capitães do mato e voltaram com calombos nos

lombos e cruces nos ombros”). Aqui se verifica a exploração paronomásica (“de corpos lambidos por lambadas de fogo”) e a famosa frase de Caminha, recuperada em contorno irônico. Agora, a terra dá de tudo, mas não exatamente o que o cronista imaginara: “e a terra deu tudo: deu tronco aos escravos, deu ouro aos senhores, deu prata aos feitores”.

Um dos procedimentos mais praticados na literatura de nossa alta modernidade foi a apropriação de lugares-comuns para, num sutil deslocamento sintático ou semântico, gerar-se um frescor não de originalidade (de ontologia controversa), mas de alguma plausível novidade. Assim, em *Sangue Africano*, Cassiano Ricardo redige uma estrofe notável pela força visual e beleza acústica em que se enuncia, mas igualmente pela ambivalência do símbolo fabricada na imagem: a cruz de estrelas brancas significa fé e cativo, dor e redenção, luminescência e umbral. O “brancas” é redundância, no entanto paradoxalmente funcional, realçando pelo contraste o seu caráter algoz contra os escravizados e seu fenótipo fatídico. E aqui se flagra o recurso tão explorado pelos modernos: a imagem ganha certa marca autoral sobre uma base clichê, uma vez que a cruz estelífera a aprisionar a “noite humana” é símile recorrente entre os poetas que versaram sobre o tema da escravatura. Basta lembrar Castro Alves escrevendo “legiões de homens negros como a noite”, no memorável *Navio Negreiro* ou a comparação de Carlos Newton Júnior, em *Canudos: Poema dos Quinhentos*: “Eram escuros, escuros/mais escuros que a noite eram”. O próprio Cassiano Ricardo, em texto homônimo ao do escritor baiano (e, como bem sublinha o organizador Bueno, de gosto duvidoso), diz que o Descobridor trouxera tantas coisas, dentre as quais “a Noite” – aludindo, sem dúvida, ao obscurantismo da praxe, mas também à pele das vítimas do regime.

Ao percorrer o florilégio, o leitor não deixará de perceber, ainda, a força poética de José Paulo Paes, que emerge no verso breve e incisivo de *Palmares*. Ali, o escritor paulista explora o jogo verbal de um adjetivo deslocado (“velho”) para, em vez de qualificar um famigerado verdugo com um nome que a sua estirpe rememore, degradá-lo nas práticas deploráveis que exercia (Iacyr Anderson Freitas também explora esse estilo poético, gravando no próprio nome do algoz a marca de seus crimes). Em *A Redenção*, Paes, encorpando as visões distanciadas (etimologicamente céticas, portanto) em relação às linhas de força que motivaram a Abolição, empresta à palavra-título uma coloração irônica e faz notar o quanto, longe de ser primordialmente um ato espiritual, a “redenção” se deveu a razões de base material e de tantas outras duvidosas conveniências.

Uma antologia se enriquece, assim como a própria literatura, na valiosa voz que ausculta num espaço que antes se ocupava de um inepto silêncio. Alexei Bueno traz ao público um Ariano Suassuna menos conhecido, o poeta singular que, na contramão dos modelos em que a escravidão foi enunciada, instaura em seu texto o tom épico tão utilizado, porém na chave oblíqua, na alegoria que multiplica, pelo recurso da alusão, os alvos possíveis dos engajamentos, evitando reduzi-los a meros panfletos esgotados em voláteis circunstâncias. Aliás, para fugir de semelhante armadilha, Walmir Ayala, em *Romance I*, também lança mão do verbo alusivo (para falar do choro que uma sinhá, arrasada, produziu, ele escreve: “viveu seu sofrido exílio/ bebeu seu sabor salgado”), fabricando relatos bem delineados e poeticamente bem-sucedidos.

Por fim, o livro guarda uma espécie de epílogo sugestivo, com os poemas do referido Carlos Newton recuperando a própria tradi-

ção poética em flagrantes revérberos de Castro Alves; ou com os versos “de todo sal do mar, punhal de aço/ que perfurava o ser dos homens ocos” (NEWTON JÚNIOR, 1999 *apud* BUENO, 2022, p. 561) a convocarem um clássico poema de T.S. Eliot (o que é sintoma, dado o teor trágico do texto eliotiano). A essa liga metálica, Newton encadeia polifonicamente as memoráveis batalhas (reaclimatadas) que Homero relatou. O poeta ainda avizinhará Palmares e Canudos como elementos similares de um mesmo conjunto de resistência e barbárie, estendendo o significado da escravidão às mazelas de variadas ordens, presentes na história brasileira.

Alexei Bueno, em suma, com *A Escravidão na Poesia Brasileira: do século XVII ao XXI*, ratifica uma rara paixão pelo poético, já pressentida quando, em 1995, coligiu os *Grandes Poemas do Romantismo Brasileiro*, pela editora Nova Fronteira. O organizador confirma, com esse ofício, o nosso credo de que o poeta admirável de *A Via Estreita* se fabrica na poeira que ele agrega pela estrada larga de uma tradição vivida. Por fim, outra constatação emerge: o tema sombrio, sobre o qual a nova recolha joga luz, é capaz de aprisionar o imaginário nacional se não for abordado com a coragem de Aquiles e a astúcia de Perseu. Sem cair na esparrela de converter a vergonha em tabu, o leitor pode observar o que a nossa história registrou, com o olhar enviesado próprio da poesia – sendo ela uma alforria possível contra o que insiste, entre nós, em se perpetuar: truculência, dependência e sujeição.

## Referências

BUENO, Alexei (org.). *A escravidão na poesia brasileira: do século XVII ao século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2022.



**INFORMAÇÕES GRÁFICAS**

FORMATO: 180 x 250 mm

TIPOLOGIA: Fauna One / Source Sans Pro

